

OS GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DA WEBLITERATURA: O CASO DOS WEBLOGS

THE TEXTUAL DIGITAL GENRES IN THE WEB LITERATURE TEACHING- LEARNING: THE WEBLOG CASE

Jéssica de Souza Carneiro*

Resumo: As tecnologias trouxeram novas configurações para a linguagem como um todo e para a literatura em particular. Tanto a leitura quanto a escrita, hoje, são reconcebidas em função do que permite o chamado texto digital. Essa textualidade eletrônica implica o desenvolvimento dos chamados gêneros textuais digitais, os e-gêneros, como os weblogs, por meio dos quais podemos identificar a formação do que chamamos webliteratura, uma modalidade da escrita que confere ao texto características próprias potencializadas pela internet e o universo virtual. Neste artigo, buscamos abordar a linguagem dos blogs enquanto novos formatos de circulação e expressão presentes na web no sentido de demonstrar como os gêneros textuais digitais mostram-se interessantes ao processo de ensino/aprendizagem tomando como referência uma categoria de formação que denominamos transletramento hipertextual.

Palavras-chave: textos; gêneros; blogs; internet.

Abstract: The technologies brought new settings for the language as a whole and for literature in particular. Both reading and writing today are redesigned as a function of allowing the so-called digital text. This electronic textuality involves the development of so-called digital textual genres, e-genres such as weblogs, through which we can identify the formation of what we call webliterature, a mode of writing that gives the text characteristics potentiated by the internet and virtual worlds. In this paper, we address the language of blogs as new forms of movement and expression found on the web in order to demonstrate how digital text genres show the interesting process of teaching / learning with reference to a training category we call hypertext transliteracy.

Keywords: texts; genres, blogs, internet.

Ponto de partida

O n. 4 da Revista *Entreletras*, em seu volume 1, nos convida a refletir sobre um tema bastante atual no que consiste ao ensino de Letras: “Literatura, estudos de gênero e educação”. Falar sobre esse assunto é um desafio, não apenas por evocar novas práticas de ensino/aprendizagem, mas por exigir uma reavaliação das metodologias de abordagem até então praticadas sobre a literatura e os gêneros textuais.

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: Jessica.souza.jor@gmail.com

Na maioria das vezes, nos métodos tradicionalistas, literatura e língua portuguesa são disciplinas trabalhadas de forma desvinculada uma da outra, quando, na verdade, o ensino de uma e de outra poderia ser enriquecido caso trabalhadas de forma conjunta. Um exemplo disso seria a abordagem sobre gêneros textuais e gêneros do discurso a partir da perspectiva da língua em uso, teoria de Marcuschi (2003) que considera o texto como processo a partir dos gêneros nos quais ele se manifesta.

De acordo com Marcuschi (2003), o texto compreendido enquanto processo leva em consideração o conjunto de inferências sociointeracionistas necessárias à sua elaboração, enquanto que, qualquer abordagem diferente desta tem o texto como objeto, ou seja, apenas como uma estrutura específica que ocupa lugar no espaço e segue uma norma determinada.

O que o autor quer dizer é que todo e qualquer texto é resultado do trabalho de um sujeito historicamente situado e a apropriação desse texto por leitores também se dá de forma social e historicamente situada (MARCUSCHI, 2003). A partir desse entendimento, podemos pensar no texto como uma unidade linguística concreta coesa e coerente de sentido: o que nos leva a tê-lo como espécie dentro dos gêneros textuais. Dependendo das características que apresentam, os textos são incluídos ou classificados como determinados gêneros.

Os gêneros textuais, portanto, surgem das práticas sociais de linguagem. Nesse âmbito, podemos compreender três esferas genéricas principais atualmente em circulação na sociedade: textos científicos, textos jornalísticos e textos literários. Essas três esferas possuem grande valor social e revelam textos importantes a serem trabalhados no contexto de sala de aula e ensinados na escola. Consideramos neste artigo, entretanto, apenas a esfera dos gêneros de textos literários.

Sendo o texto literário a materialização da linguagem por meio do uso da língua, os gêneros literários representam as formas de trabalhar a linguagem em formato escrito. Já os gêneros discursivos dizem respeito a diferentes formas de enunciados que surgem do contexto das diversas atividades da esfera humana: “tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais, contudo, têm em comum a natureza verbal (linguística)” (BAKHTIN, 1992, p. 280).

Trazendo a abordagem para uma escala de análise ainda mais contemporânea, usaremos trabalhar tal perspectiva tendo em mente os textos que se manifestam no suporte digital. O texto digital é um documento de circulação social via Internet. Uma vez lançado na rede mundial de computadores conectados pelo universo virtual (World Wide Web – WWW), torna-se uma publicação, pronta para ser lida, discutida, alterada. Os textos digitais, nos seus mais variados formatos, misturam oralidade e escritura, o que implica diversos gêneros de

discurso; de exposição argumentativa, crítica, opinativa, narrativa, descritiva, etc., o que, por sua vez, implica diversos gêneros de texto.

E, quando os textos, por meio do suporte digital, manifestam gêneros literários específicos por meio de um determinado gênero do discurso eletrônico em hipertexto, ou seja, o texto que associa a escrita à imagem e ao som no ambiente online, dentre outras linguagens, a exemplo dos blogs¹, temos um novíssimo e diferenciado potencial para o ensino de língua e literatura que ultrapassa uma mera noção de usabilidade (RIBEIRO, 2008) para expor ao estudante um mundo repleto de possibilidades em leitura, escritura e oralidade.

1. Novas possibilidades para a leitura/escrita

Antes de tudo, devemos pensar na Internet como um suporte que alarga as possibilidades de interação comunicativa e incita o surgimento de vários gêneros discursivos. O universo digital convida o leitor a interagir com a textualidade webliterária – literatura que nasce e circula na web – por meio da qual diferentes atores desempenham diferentes papéis, produzindo o sentido em conjunto, onde produtores e receptores adquirem um papel produtivo, e, os respectivos usuários não são apenas objetos de um processo, mas também parte integrante da prática comunicativa.

Hoje, com a profusão de gêneros textuais digitais (MARCUSCHI, 2010) que surgem com a popularização do uso da Internet, as possibilidades de manifestação da literatura em hipertexto atraem uma infinidade de pretensos “escritores” e insaciáveis leitores. Ao mesmo tempo, essas possibilidades, seja por meio de blogs ou outras interfaces, são tantas que a experiência da leitura também se encontra cada vez mais dispersa em variações e fragmentações a tal ponto que toda leitura produz uma história diferente porque diferentes são as conexões feitas pelos leitores a partir dos hiperlinks.

É esse novo e complexo modelo textual que se desenvolve eletronicamente e requer o olhar para o texto além do texto, suscitando o “prazer de desfigurar, transformar, recriar o texto” (CHAVES; SOARES, 2009, p. 172), que denominamos webliteratura. No centro da WWW, a escrita torna-se um hipertexto infinito, que leva o leitor à construção de um sentido

¹ Um *blog* (contração do termo *Weblog*) é um *site* cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou *posts*. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa e podem ser escritos por um número variável de pessoas. Um *blog* típico combina texto, imagens e *links* para outros *blogs*, páginas da *Web* e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma característica à parte. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>>. Acesso em: 23 out. 2009.

dentre os vários sentidos possíveis. Assim, podemos afirmar que o tipo de escritura que prospera na Internet é o que está relacionado com a liberdade de expressão em todas as suas manifestações, de modo que um dos maiores desafios para os estudos literários e o ensino de língua trazidos pelas novas tecnologias é a emergência de novos gêneros, como os que observamos surgir no meio eletrônico.

Nesse contexto, podemos dizer que a Internet permite que o esquema composicional dos gêneros eletrônicos se dê com base na estruturação interna determinada pela atividade interativa em que ele é usado. Sua composição hipertextual é concebida por seus usuários mediante a obediência a uma dinâmica própria realizada em momentos interativos distintos. Para esse entendimento, utilizaremos aqui o conceito de e-gêneros, proposto por Marcuschi (2010), ou gêneros textuais digitais, os quais consistem em todo aparato textual em que é possível, eletronicamente, utilizar-se da escrita de forma interativa ou dinamizada: chats, fóruns de discussão online, blogs, etc.

Em outro trabalho, Marcuschi (2003, p. 5) define gêneros textuais, no sentido discursivo, como “os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas”. Dessa feita, os gêneros que atualmente mantêm uma relação com as inovações tecnológicas favorecidas pelo ciberespaço são gêneros textuais digitais.

Marcuschi (2003, p. 1) estabelece ainda que todo gênero tem um suporte, embora a diferença entre ambos nem sempre seja de simples identificação. Suporte é a superfície física (ou virtual), em formato específico, que suporta, fixa e mostra um texto, imprescindível para que o gênero circule na sociedade. Portanto, entendemos que a Internet é o suporte para diferenciados gêneros textuais digitais, pois, não fossem os recursos próprios da tecnologia nesse meio, os gêneros que aí circulam não teriam as características ímpares que possuem.

Com base nessas e outras categorias elencadas por Marcuschi (2010), veremos, então, que os blogs são gêneros textuais suportados pelo universo digital da web. Os posts são seus eventos comunicativos, cuja finalidade é materializar um determinado discurso eletrônico, que ocorre na dimensão do domínio midiático.

Os gêneros textuais, no domínio da virtualidade, ganham novas características e, assim, destacam-se por transmutar gêneros já existentes, mesclar alguns deles ou até inovar totalmente a partir das complexas relações entre um meio de comunicação, o uso social deste meio e a linguagem empregada para tal no ciberespaço. “Hoje, a Internet tornou-se um

imenso laboratório de experimentações de todos os formatos”, diz o autor (MARCUSCHI, 2010, p. 31).

Os e-gêneros, de acordo com Marcuschi (2010, p. 31), manifestam-se exclusivamente em ambientes virtuais, espaços de produção e processamento textual que “os abrigam e por vezes os condicionam”. O que o autor chama de ambientes virtuais podem ser exemplificados com a própria web, além dos softwares de correio eletrônico, fóruns de discussão online, chats, videoconferências, etc. Os e-gêneros, por sua vez, são as diversas modalidades discursivas que nascem da operação de tais softwares e dos processos interativos deles advindos, como o e-mail, espécie de carta virtual que pode ser trocada bilateralmente ou coletivamente por meio de listas de discussão; o bate-papo virtual, que equivale às conversas mediadas pela tela e pelo teclado em chats abertos, reservados, agendados ou privados; e, dentre outros, os weblogs, objetos de análise desta pesquisa, espaços que permitem a manutenção de diários pessoais na rede, onde se pode encontrar escritas autobiográficas ou qualquer outra prática literária, uma vez que são caracterizados principalmente por possibilitarem a livre expressão (em aspectos temáticos, morfológicos e lexicais) do seu usuário.

Os e-mails, as listas de discussão, os chats e os weblogs são os e-gêneros mais praticados na Internet, para não falar dos gêneros mais recentes que emergem em consequência do “boom” na utilização das redes sociais digitais, onde se inserem o twitter, o myspace, o orkut, o facebook, dentre outros, que não são objetos de atenção desta pesquisa.

Marcuschi (2010) define alguns parâmetros que servem para caracterizar tais gêneros emergentes levando em consideração o formato da comunicação mediada por computador, quantos e como os participantes interagem nesse ato comunicativo e o tempo de interpelação e resposta (síncrono ou assíncrono), ou seja, o quanto dura o envio ou a espera pelas mensagens e sinais gerados em tal comunicação, bem como a riqueza e a variedade desses sinais (texto, som, imagem, etc.). Para a classificação, o autor observa ainda “a composição (aspectos textuais e formais) da mensagem trocada, o tema (natureza dos conteúdos, funções e profundidade) e o estilo (aspectos relativos à linguagem, seus usos e usuários)” (MARCUSCHI, 2010, p. 39).

Dentre as características comuns à maioria dos gêneros textuais digitais, Marcuschi (2010) lista a alta interatividade estabelecida entre os participantes da comunicação mediada; a interação de recursos semiológicos possibilitados pelo caráter multimídia do meio virtual (inserção de elementos visuais no texto, como imagens, fotos e sons); a descontração, a informalidade, como também a monitoração fraca da linguagem, “tendo em vista a

volatilidade do meio e a rapidez da interação” (MARCUSCHI, 2010, p. 39-40). Blogs e e-mails, por exemplo, estão carregados dessas características, embora cada gênero tenha suas especificidades.

Marcuschi (2010) lista um a um os parâmetros que identificam cada um dos doze gêneros textuais digitais que estuda em sua pesquisa, mas citaremos como exemplo apenas as características do e-gênero weblog, que é o que interessa neste artigo.

Para Marcuschi (2010), o que define o blog como um e-gênero é a sua capacidade de gerar uma relação temporal assíncrona entre seus múltiplos participantes, isto é, quando a transmissão de dados ocorre em intervalos de tempo irregulares e envolve mais de duas pessoas na interação; e de gerar um produto de comunicação (mensagem) que tem permanência indefinida na rede, uma vez que o texto publicado em um blog fica online por tempo indeterminado, arquivado em bytes para livre acesso até que o usuário cancele o blog ou que o seu servidor apresente alguma falha. Tal mensagem, de tema livre e estilo informal, normalmente, é apresentada em formato de texto corrido, algumas vezes acrescida de sons e imagens, mas sempre associada a links hipertextuais.

Trata-se de um gênero preexistente, o diário íntimo, que, ao ser transmutado para o novo ambiente virtual da Web, assume novas características mediante os recursos das tecnologias digitais e reinventa antigas práticas de escrita e de leitura. Por exemplo, se, anteriormente, os diários íntimos eram produzidos em segredo – com textos escritos para não serem lidos, a não ser por seus próprios autores –, na rede, por meio dos blogs, eles se tornam totalmente públicos.

Aliás, ser de domínio público é a característica mais marcante desse e-gênero, uma vez que o autor tem liberdade para criá-lo e utilizá-lo para veicular qualquer tipo de mensagem. Como nos diários cujo suporte era de papel, em que os autores colavam fotografias ou outros materiais, os blogs também podem funcionar a exemplo de um grande sistema de colagem, mas, agora, o meio em que circula – a Internet – suporta a veiculação não só de fotos, como ainda de músicas e vídeos.

Atualmente, os blogs já ultrapassaram a categoria de diários íntimos e têm se tornado espaço aberto para as mais variadas experiências, literárias ou não. Existem blogs pessoais, nos quais a linguagem utilizada é informal e espontânea, mas também há aqueles que se utilizam do espaço, na maioria das vezes, gratuito, como canal para “expressões retóricas mais formais com alto grau de requinte e pretensões literárias” (MARCUSCHI, 2010, p. 73).

A verdade é que, quanto mais popular na rede, os blogs estão cada vez mais diversificados no que consiste aos temas que os motivam: música, moda, poesia, contos,

crônicas, cinema, culinária, jornalismo, religião, política, arte... A blogosfera incha diariamente e os assuntos ficam a critério do blogueiro, o qual não precisa se prender a nenhum padrão textual, a não ser o hipertextual, que já é, por natureza, de origem híbrida.

Quanto às práticas de leitura que são reinventadas com o e-gênero blog, estão associadas ao potencial de interatividade proporcionado pelo hipertexto, em que o leitor, por meio do click do mouse no link desejado, de forma autônoma, opta por qual trilha de leitura deseja seguir. Além disso, qualquer blog tem uma abertura para receber comentários, prevendo a possibilidade de vários sujeitos empregarem a primeira pessoa em situação de diálogo e socialização da comunicação, a partir do que percebemos o potencial dos blogs para manifestar o fenômeno da mestiçagem de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero, denominado por Marcuschi (2003, p. 12) como “intertextualidade intergêneros”.

Ainda de acordo com o linguista, a intertextualidade intergêneros deve ser diferenciada da questão da “heterogeneidade tipológica” do gênero, a qual diz respeito ao “fato de um gênero realizar várias sequências de tipos textuais” (MARCUSCHI, 2003, p. 12), como é o caso dos blogs. Em sendo os blogs de natureza híbrida, podemos encontrar neles, quando têm como mote a prática literária, histórias policiais, de amor, de ficção... sob a forma de romances, contos, novelas, poemas, crônicas, fábulas, ensaios..., ou um misto de tudo isso.

2. Transletramento hipertextual

Diante desse quadro, alguns autores em Abreu et. al. (2005) consideram que a web “se transformou no maior acervo de dados [e formatos de escrita e comunicação] jamais alcançado em qualquer biblioteca tradicional” (ABREU et. al., 2005, p. 495), configurando-se como um dos futuros da leitura e da escrita no que consiste à virtualização da linguagem (FREITAS, 2006). Por que, então, não tê-la como aliada de práticas pedagógicas inovadoras que possam (re)despertar em crianças e jovens o gosto pela recepção/produção de literatura? Por que não transformar a Internet e os gêneros textuais digitais em ferramentas eficazes para uma nova forma de ensinar e estudar língua, linguagem, gêneros e textos literários?

Tendo isso em mente formulamos uma categoria diferenciada de formação, adaptada e em construção, provisoriamente denominada de transletramento hipertextual. Transletramento é o sentido que alguns autores, como Buzato (2007), vêm conferindo a uma nova modalidade de letramento, a qual, ao se associar ao prefixo “trans”, alberga inúmeras possibilidades. Rocha (2008, p. 439) explica mais detalhadamente:

A ideia de transletramento(s) surge invocada pela concepção de letramentos que, transgredindo as fronteiras da oralidade e da escrita, atendam ao engajamento do indivíduo em uma sociedade multimedial, em um processo de construção de letramentos múltiplos, fluidos, que travam suas relações de hibridismo em esferas de coabitação.

Do que entendemos que as habilidades de ler e de produzir textos no mundo contemporâneo se modificam com a diversidade de aparatos de leitura e escrita que surgem com a era digital. Hoje, a simples leitura de signos verbais não é mais suficiente, tendo em vista a quantidade de textos que se constroem a partir da junção de diferentes linguagens (intersemioses), como os que nascem no ciberespaço (CAMARA, 2010). Faz-se, portanto, cada vez mais evidente a necessidade de formação de um leitor/autor plural, capaz de interagir de maneira proativa com toda essa variedade de formas de expressão, ao que se aplica a noção de transletramento.

De modo geral, há algum tempo, fala-se no letramento como ampliação do sentido de alfabetização. Meira (2010, p. 233) afirma que “*alfabetizar* pressupõe a decodificação de um novo código, o processamento de dados e informações, e até conhecimento. *Letrar* coloca a possibilidade de transformá-los em saberes” (grifos da autora). Ou seja, o indivíduo “letrado” é aquele que não apenas sabe ler e escrever (atributo daquele que é alfabetizado), mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita no seu contexto social. No entanto, os novos modos de ler e escrever ditos digitais reconfiguram todos os campos da prática social da linguagem quando se desenvolvem mediante o ato de “navegação” na Internet.

Posso, portanto, pensar em transletramento hipertextual levando em conta um método diferenciado de ensinar a ler e escrever que envolva as formas de mediação advindas da cultura do digital, tendo como base a leitura e a produção em hipertexto, a qual requer interatividade e atitude exploratória. Assim – como desdobramento do conceito mais recente de letramento digital (SOARES, 2002), que mostra ao aluno não apenas como utilizar as tecnologias digitais, mas também como entrar em contato com elas de maneira significativa, entendendo seus usos e possibilidades na vida social –, o transletramento hipertextual pressupõe o entendimento da variedade de gêneros textuais digitais que se manifestam em hipertexto que o indivíduo “transletrado” pode passar a aplicar socialmente.

Essa nova modalidade de ensino/aprendizagem vem apresentar oportunidades para que alunos de literatura em fase de formação possam utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação como instrumentos de leitura e escrita considerando três vertentes principais de atuação no ciberespaço: ler e pesquisar hipertextos, produzir e publicar hipertextos, e, comunicar-se digitalmente de forma hipertextual. O gênero textual blog mostra-se propício a

esse objetivo, uma vez que tanto o autor (blogueiro) quanto o leitor de blogs necessitam desenvolver as três capacidades citadas acima para interagir de maneira proveitosa com o ambiente virtual e incorporar socialmente essas habilidades ao seu cotidiano de internauta ou, até mesmo, de cidadão do mundo digital.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais já observam a necessidade de educadores, no contexto escolar, “entenderem os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem a solucionar”, ou ainda, “entendere, o impacto das tecnologias da comunicação e da informação nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e da vida social” (PCN, 1999, pp.16-26 apud CAMARA, 2010, p. 36).

3. Protagonismo de ensino/aprendizagem

Notamos, assim, que buscar estratégias que atendam as expectativas do mundo contemporâneo no processo educacional é a responsabilidade maior que se apresenta ao ensino/aprendizagem da atualidade. O texto digital também deve fazer parte do conjunto de leituras que o ser humano vivencia ao longo de sua existência.

Associar o hipertexto ao texto literário tradicional pode ser o que esteja faltando à escola para sanar o distanciamento presente entre os estudantes e a literatura, ou ainda entre a literatura e o ensino de língua portuguesa, e para desenvolver talentos que remetam a uma prática literária essencialmente atual. “A internet, sem dúvida, traz uma nova forma de leitura e escrita, e, contra isso, o professor não se pode colocar” (CAMARA, 2010, p. 36).

O universo web é propício a fenômenos linguísticos que excedem a mera tipologia textual e as características de um único gênero em particular, de modo que, aí, os educadores da área de Letras podem buscar a singularidade da escrita, da leitura e das formas de interação de seus alunos com outros alunos e com conteúdos webliterários, tendo em mente que formatos como os blogs, por exemplo, permitem além do acesso e da reprodução, a produção e circulação de textos diferenciados.

O protagonismo na produção de conteúdo online deve ser estimulado desde a escola, até para que blogs, twitters, chats, comunidades do orkut possam apresentar finalidades outras do que as meramente distrativas, passando a atender propósitos pedagógicos e formativos. Assim, é possível desinstrumentalizar o ensino de língua e literatura, desvinculando-o

unicamente da fórmula base dos livros didáticos, e tornando-o mais interessante e interativo. Precisamos todos rejuvenescer.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia; Schapochnik, Nelson (orgs). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura no Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *A estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital*. Campinas: IEL/Unicamp, 2007.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. Machado de Assis: a possível articulação entre o clássico e a tecnologia. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (orgs). *Teclas e dígitos: leitura, literatura & mercado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CHAVES, Lilia Silvestre; SOARES, Izabel Cristina Rodrigues. Leitor e autor na era da textualidade eletrônica. In: SALES, Germana; FURTADO, Marli (Orgs.). *Linguagem e identidade cultural*. João Pessoa: Ideia, 2009. ISBN 978-85-7539-464-9.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEIRA, Mirela Ribeiro. Alfabetização estética e letramento sensível: metamorfoses pedagógicas na formação docente. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (orgs). *Teclas e dígitos: leitura, literatura & mercado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. Leitura de hipertextos: estudo de caso com leitores que navegam sem ler ou lêem sem navegar. In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçalo; Guaraciaba Micheletti; Vima Lia de Rossi Martin. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. *O ensino de LE (inglês) para crianças do ensino fundamental público na transdisciplinaridade da linguística aplicada*. Anais do Seminário de Teses em Andamento – SETA, v. 2, Campinas: UNICAMP, 2008. ISSN 1981-9153. Disponível em: <<http://www.cedae.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/viewFile/242/204>>. Acesso em: 11 out. 2011.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Revista Educação & Sociedade (ISSN 0101-7330), v. 23, n. 81, Campinas, 2002.

Recebido em março de 2012.

Aceito em abril de 2012.